

ANTIGUIDADE TARDIA E AS MOEDAS ROMANAS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL¹

Cláudio Umpierre Carlan²

Resumo: *O artigo começa com uma descrição da iconografia como documento histórico. A imagem na Antiguidade tinha uma função específica: apresentar a um determinado grupo social, em sua grande maioria analfabeto, algo que representasse a orla do poder. Ela não apenas legitimava um imperador ou rei, mas também funcionava como uma espécie de propaganda política. Para tanto, analisaremos a coleção numismática do Museu Histórico Nacional (MHN), no Rio de Janeiro, importante acervo arqueológico brasileiro, ainda pouco estudado.*

Palavras-chave: *Moeda; Roma; Iconografia; Império Romano.*

LATE ANTIQUITY AND ROMAN COINS FROM THE NATIONAL HISTORICAL MUSEUM

Abstract: *The article begins with a description of iconography as a historical document. The image in Antiquity had a specific function: to present to a certain social group, the vast majority of which were illiterate, something that represented the edge of power. It not only legitimized an emperor or king, it functioned as a kind of political propaganda. To do this, we will analyze the numismatic collection of the National Historical Museum (MHN), in Rio de Janeiro, an important Brazilian archaeological collection, still little studied.*

Keywords: *Coin; Rome; Iconography; Roman Empire.*

Introdução

Em muitos momentos ao longo da História, as representações artísticas

¹ Recebido em 22 de dezembro de 2023 e aprovado em 19 de fevereiro de 2024.

² Professor de História Antiga e do Programa de Pós-graduação em História Ibérica (PPGHI), Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: claudio.carlan@unifal-mg.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9363-8799>. Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

foram consideradas elementos imprescindíveis para o respeito e o acatamento para a autoridade construída, seja de caráter religioso, político, militar ou de qualquer outra índole.

Um setor muito importante das necessidades humanas, satisfeitas mediante as diferentes artes decorativas, corresponde às que se orientam para a expressão de uma hierarquia ou a satisfação dos sinais externos do cerimonial prescrito numa determinada circunstância.

As autoridades estabelecidas adotariam uma simbologia externa para sublinhá-las, e com esse fim aplicariam os materiais de que dispunham. Isso deve ter-se manifestado em todas as ordens do poder, que se em nossos dias estão perfeitamente diferenciados, na Antiguidade estaria reunido numa única pessoa, que seria ao mesmo tempo chefe militar, religioso e legislador. Essa pessoa, para distinguir-se dos outros, adotaria algum elemento diferencial que não demoraria em converter-se em símbolo daquele momento.

Esses símbolos externos foram usados para diferenciar monarcas, sacerdotes ou outros signatários. Uma simples faixa de tecido ao redor da cabeça era o emblema que distinguia os generais de Alexandre Magno, que, após a sua morte, repartiram os seus extensos domínios, governando-os (Carlan, 2011, p. 151).

Segundo a tradição, Alexandre foi o primeiro monarca a cunhar moedas com o seu busto, assemelhado ao deus Apolo. As cunhagens de prata representam o jovem rei olhando para o céu, como deus-sol. Séculos mais tarde, em 315, Constantino, também discípulo do *culto ao sol*, cunhará moedas com imagens semelhantes, principalmente em bronze, em que o contato com a massa populacional do Império Romano seria maior.

Moeda, poder e legitimação

A presença da moeda, além de oferecer uma vantagem econômica, mostra também os seus aspectos icônicos. Analisando os anversos e reversos monetários como imagens fabricadas, elas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico gravado segundo processos físicos ou naturais, é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. Ela circula de fato nos três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam o vasto Im-

pério Romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era o do seu governante.

As cunhagens monetárias de diferentes governantes reforçam este discurso. Eram identificadas como *encouraçado*, ou seja, os imperadores são representados com armadura, trajes militares, tanto no anverso (busto) quanto no reverso. Diocleciano, que governou o Império Romano entre 295-305, por exemplo, utilizará, em suas peças, principalmente nos *follis*, estes ícones.

No anverso vêm o busto e o peitoral, conhecido por *faleras*. No reverso, o tetrarca recebe o cetro de Júpiter, encimado pela Vitória. Tais representações podem ser identificadas nos *aes* (Junge, 1994, p. 15), primeira forma de moeda em Roma, cunhada durante a República (século IV-III a.C.), para servir de base de trocas, compras ou vendas, e para pagamento dos legionários. Eram peças de bronze, de diâmetro e peso mínimo devido à grande circulação. Todos os *augustos*, césares e pretendentes, usurpadores, usaram em suas amoedações tais vestimentas, como podemos analisar na seguinte representação:

Figura 1



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, Museu Histórico Nacional (MHN), Rio de Janeiro, maio de 2005.

1. Denominação: Dupôndio

Ano/Local: cunhada entre os anos de 304-305, em Alexandria.

Anverso: IMP C DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: IOVICO – N S CAES / ALE

2. Descrição:

Anverso: busto só, ou nu, de Diocleciano, diademado à direita, com barba, mal recortado no 1º e 4º quadrantes; na legenda, o nome e o título imperial (IMP AVG). No reverso, a divindade, Júpiter, em pé, nu, lábaro à esquerda, com o globo, símbolo do poder e da perfeição, na mão direita. Sobre o globo uma *vitória*, com uma coroa de louros, prestes a coroar a divindade. Durante boa parte do período da tetrarquia, Diocleciano é considerado um *iuvo*, filho de Júpiter. Enquanto seu amigo e colega, Maximiano, era um *hercúleo*, filho de Hércules. Como se as divindades protetoras do *pantheon* romano protegessem e legitimassem o novo governo. Identificamos ainda a letra S, comum nas cunhagens da tetrarquia, e o exergo ou linha de terra, referente à cidade de Alexandria (ALE). Na imagem da divindade existe uma camada de azinhavre, por causa da corrosão.

3. Observações:

Peça de bronze, muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2,76 mm; peso de 9,56 g; alto reverso ou eixo 12 horas.

O Dupôndio, moeda de bronze cunhada desde o período republicano em Roma (509-27 a.C.). Durante a reforma de Diocleciano (285-305), voltou a ter importância, passando a ser utilizada como base da economia imperial.

A presença de Júpiter representa o retorno aos deuses fundadores e protetores da cidade. O império estava passando por uma crise, as divindades deveriam intervir a favor das autoridades imperiais. Por não aceitar cultuar o panteão romano, Diocleciano e Galério, por meio do decreto de 301, estabelecem a última perseguição aos cristãos (Lactâncio, 27).

Existem três variantes desta peça na coleção, cunhadas em casas monetárias diferentes.

Nesse sentido, ocorre uma relação *emissor/receptor*, nitidamente identificada nas cunhagens realizadas durante o início do século IV. Diocleciano, Galério, Constâncio Cloro, Maximiano, Severo Augusto e Maximino Daia cunharam moedas com tipos semelhantes: GENIO AVGVSTI, GENIO POPVLI ROMANI, VIRTVTI EXERCITVS, CONCORDIA MILITVM, SAC MON VRB AVGG ET CAESS NN, VOT XX E; entre outras. Defendiam a salvação do império num retorno ao passado e às suas divindades, impondo tal ideologia por meio de um veículo propagandista, no qual toda a população teria contato: a própria moeda.

Donis Dondis (1997, p. 184) afirma que, para os analfabetos, a linguagem falada, a imagem e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação. E dentre eles apenas o visual pode ser mantido em qualquer circunstância prática.

[...] isso é tão verdadeiro como tem sido ao longo da história. Na Idade Média e no Renascimento, o artista servia à Igreja como propagandista [...]. O comunicador visual tem servido ao imperador e ao comissário do povo [...] a comunicação pictórica dirigida aos grupos de baixo índice de alfabetização, se pretende ser eficaz, deve ser simples e realista [...]

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo Fernando de la Flor (1995, p. 183), do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzeiros, da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando no ponto em que a numismática pode ser definida “como um monumento oficial a serviço do Estado”.

Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, “[...] em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*” (Cassirer, 1997, p. 70).

Roger Chartier (1990, p. 220) destaca a importância da interpretação dessa simbologia, chamada por ele de “signos do poder”. Vejamos:

Daí a necessidade de constituir séries homogêneas desses signos do poder: sejam as insígnias que distinguem o soberano dos outros homens (coroas, ceptros, vestes, selos, etc.), os monumentos que, ao identificarem o rei, identificam também o Estado, até mesmo a nação (as moedas, as armas, as cores), ou os programas que têm por objetivo representar simbolicamente o poder do Estado, como os emblemas, as medalhas, os programas arquitetônicos, os grandes ciclos de pintura [...].

O homem desenvolve diversas formas simbólicas, tanto artísticas quanto linguísticas, expressadas pela sua consciência. Com isso, podemos afir-

mar que os símbolos políticos são definidos como símbolos que funcionam até um ponto significativo na prática do poder.

Essas práticas do poder – e seus simbolismos – atuam, de uma maneira direta ou não, por meio de questões ideológicas. E, em toda uma sociedade, a partir das ideias da classe dominante, predominam, oralmente ou na forma escrita.

Ciro Flamarion Cardoso (1979, p. 379) diz que “[...] é de especial interesse e bem esclarecedor o estudo dos mecanismos que asseguram e reproduzem a hegemonia ideológica [...]”.

Pedro Paulo Funari (1983, p. 11) identifica a importância dessa documentação imagética, porém tratada com o devido cuidado:

Não se trata, assim, de acreditar no que diz o documento, mas de buscar o que está por trás do que lemos, de perceber quais as intenções e os interesses que explicam a opinião emitida pelo autor; esse nosso foco de atenção.

O poder seria algo mais difuso. Ele funciona e se exerce em rede. Nunca está localizado aqui ou ali, nem está só nas mãos de alguns. Os indivíduos não são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre pontos de transmissão, reorientação ou reforço dele.

Para se entender o poder, é preciso buscar perceber as táticas e técnicas de dominação no detalhe da vida social e procurar compreender como os diversificados mecanismos de poder são utilizados, transformados e ampliados pelas formas mais gerais de dominação. O poder, para se exercer, precisa produzir, organizar e colocar em circulação saberes que o tornem legítimo.

Figura 2



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, Acervo Numismático do Museu Histórico Nacional (MHN), Rio de Janeiro, dezembro de 2006.

1. Denominação: *Argentus*

Ano/Local: cunhada entre os anos de 294 -295, em Alexandria.

Anverso: MAXIMIANVS NOB CAESS

Reverso: SEM LEGENDAS

Descrição:

Anverso: busto só, ou nu, de Maximiano, amigo e companheiro de armas de Diocleciano. Um dos membros da tetrarquia, junto com Galério e Constâncio Cloro (pai de Constantino). Busto diademado à direita, com barba, apresentando Maximiano como membro da família imperial romana (nobilíssimo). Identificamos na representação da Praça de São Marcos (tetrarcas abraçados) os governantes, que precisavam passar a união existente entre eles para seus governados.

No reverso, a águia, voltada para o Ocidente. A águia, rainha das aves, mensageira da mais alta divindade, fogo celeste. Só ela pode fixar o sol, se queimar os olhos. Símbolo de tamanha importância, que:

[...] não existe nenhuma narrativa, ou imagem histórica ou mítica, tanto em nossa civilização, quanto em todas as outras, em que a águia não acompanhe, ou mesmo não represente, os maiores deuses e os maiores heróis: é o atributo de Zeus/Júpiter e do Cristo; é o emblema imperial de César e Napoleão [...] (Chevalier; Gheerbrant, 1997, p. 22-23).

A águia também personifica o imperialismo, a conquista. Desde Augusto, os imperadores romanos eram coroados faraós do Egito. Por isso, a águia está voltada para o Ocidente, em direção a Roma. Na História Contemporânea, vimos sua representação associada aos partidos nazifascistas e ao imperialismo norte-americano (águia norte-americana).

No campo monetário de reverso, identificamos a estrela, que, segundo Suetônio, Augusto viu nos céus no dia do assassinato de seu tio-avô, Júlio César, no Senado. Nesse caso, a estrela ou cometa estaria legitimando Augusto como herdeiro e sucessor de César. Os sucessores de Otávio Augusto começaram a cunhar em suas moedas esse símbolo.

Um dos objetivos da tetrarquia era o retorno aos *aureus* tempos do Principado romano, ou seja, ao governo de Augusto. Nesse sentido, a estrela representada está realizando essa união simbólica entre os dois governos.

Observações:

Peça de prata, muito bem conservada (MBC), diâmetro de 1,53 mm; peso de 2,41 g; alto reverso ou eixo 6 horas.

O *Argentus* era uma moeda de prata romana, instituída durante a reforma monetária de Diocleciano.

Existem duas variantes desta peça na coleção, ambas cunhadas em Alexandria, identificadas as letras gregas Γ e Δ.

Podemos verificar uma resistência tenaz das antigas formas de administração e de comunicação. Na própria Inglaterra do século XII, apesar dos progressos quanto ao domínio da leitura e da escrita, a palavra ouvida e o gesto visto permanecem a expressão essencial do poder de comando e da justiça.

Depois do ano 300, as moedas serão identificadas pelo exergo ou linha de terra. Espécie de sigla, localizada no reverso (abaixo da imagem), indicando o local e a casa responsável pela cunhagem.

Peça de prata, bem conservada, diâmetro 1,77 mm; peso de 1,10g; alto reverso 10 horas.

Figura 3

Descrição da moeda:

Número de ordem: 9

Denominação: *Tetradracma*

Ano/Local: 296, Alexandria

Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: IMP C C VAL DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: SEM LEGENDA/SEM EXERGO

Descrição e decodificação da iconografia:

Busto à direita, com nome e titulação completa de Diocleciano, *Imperator Caius Velerivs Diocletianvs*. Ísis segurando um escudo na mão esquerda (sim-

bolizando a proteção), acompanhada de uma fênix na mão direita (renascer, ressurgimento das cinzas de um novo império). À esquerda do observador, os símbolos do Alto e do Baixo Egito. Notamos a presença de azinhavre, camada verde de hidrocarbonato de cobre que se forma em objetos de metal expostos ao ar e à umidade. Esse dado comprova, assim, a teoria sobre a baixa qualidade da prata no século IV, um dos principais motivos da inflação no período. Peça de prata, bem conservada, diâmetro de 1,8 mm; peso 1,08 g; alto reverso 10 horas.

A fênix é um pássaro mítico etíope, dotado de extraordinária longevidade, que tem o poder, depois de se consumir numa fogueira, de renascer das cinzas – aparecendo os aspectos simbólicos: ressurreição e imortalidade. Ela organiza um ninho de vergôntes perfumadas, seu calor queima.

Orígenes de Alexandria (185-254) descreve a fênix como um pássaro sagrado para a cristandade. A vontade de sobreviver, triunfo da vida sobre a morte. Ressurreição e imortalidade, reaparecendo em um mesmo cíclico.

Uma vez essa simbologia representada nas cunhagens monetárias, os habitantes do império teriam contato com essa mensagem codificada. Com isso, os povos conquistados e os conquistadores germânicos adotaram os padrões de cunhagens romanos, pois os conheciam e usavam há séculos. Como uma herança, esta forma será apropriada nos próximos séculos, inclusive nas cunhagens republicanas brasileiras, na década de 1920. A cornucópia, brasão da República, réplica de um escudo legionário romano, estará presente.

Durante a Idade Média, a fênix será associada à ressurreição de Cristo, à natureza divina, enquanto o pelicano à natureza humana. Um símbolo do amor paternal que, segundo a tradição, alimentava os filhotes com a própria carne e sangue. No Antigo Egito, estava ligada às revoluções solares, associada a Heliópolis, ao ciclo do sol e das cheias do Nilo. Aguarda o morto depois do julgamento das almas (*psicostasia*). Segundo a crença islâmica, ela só pode pousar na montanha Qaf, centro do mundo (Chevalier; Gheerbrant, 1997, p. 421-422).

O escudo é o símbolo de uma arma defensiva, embora possa ser mortal, dependendo da maneira como for utilizado. O material que o compõe, couro ou metal, está associado às forças mágicas, dos deuses e da natureza. Muitas vezes representa o universo, como se o guerreiro invocasse o próprio cosmo contra o seu adversário.

As forças figuradas estão presentes, o couro, o metal, como no escudo de Aquiles: o céu, o mar e a terra (lema dos fuzileiros navais brasileiros). Tudo que se perde ao morrer e ganha ao triunfar (arma psicológica que ajudou Perseu a derrotar Medusa).

Durante a Irlanda medieval (influência celta), foram associados aos escudos animais fabulosos (mais tarde aos brasões familiares e à heráldica), sendo considerados o elemento decorativo mais importante nos salões da nobreza.

Não foi por acaso que Constantino I, O Grande, ordenou que seus soldados pintassem as iniciais da palavra “Cristo” (PX) em seus escudos, na vitória contra Maxêncio, em 312. No Renascimento, foi atribuída a ele a virtude da força, da vitória, contra os vícios (Chevalier; Gheerbrant, 1997, p. 387-388).

Já o broquel, pequeno escudo circular, era preso ao antebraço, tornando seu manuseio mais simples que os escudos tradicionais. Seu uso se popularizou na Europa dos séculos XV e XVI.

Considerações finais

Jean-Nicolas Corvisier (1997, p. 153), em seu livro, *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*, também defende a importância da numismática, não apenas na História da Arte, porque muitos artesãos trabalhavam nas casas de cunhagem, como também no estudo da História Política, pois no reverso de cada peça está representado um fato de crucial importância para o período estudado.

Nos dias atuais, dificilmente podemos ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Mas durante a Antiguidade ela unificava todo um território que estava submetido a um mesmo poder político. O metal, e suas imagens de reverso e anverso, ultrapassava os limites geográficos do poder que o emitia, definindo ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia.

Devemos conhecer as ideias espirituais que refletem a obra de arte, a filosofia, a cultura, a sociedade daquele momento (Fernández Arenas, 1982, p. 101). Os períodos históricos são monólitos ideológicos, sendo um conjunto ideológico múltiplo. Os símbolos, e seus atributos, se unem com os emblemas da heráldica, com os hieroglíficos, com os reversos monetários, não apenas para identificar uma imagem, mas para esclarecer o motivo dessa imagem.

Uma das atribuições da Arqueologia moderna é fazer uma leitura, ou releitura, da iconografia. Analisa-se o papel das imagens na construção do conhecimento histórico e arqueológico. Assim sendo, podemos inserir a moeda nessa última fase, que, durante muito tempo, ficou confinada a reservas técnicas dos museus, sendo apenas um objeto de conservação, não de pesquisa.

Apoiada em uma forte carga simbólica, a iconografia foi amplamente utilizada pelos governantes e aqueles que circundavam a orla do poder. Essas representações identificavam não apenas um homem, mas toda uma civilização.

Em suma, essas imagens configuravam significados, mensagens do emissor para seus governados. Continham símbolos que deveriam ser entendidos ou decifrados pelo receptor. Uma maneira que tanto os antigos egípcios quanto os romanos, mais tarde, encontraram para legitimar o seu poder.

Agradecimentos

Aos colegas Pedro Paulo Funari e Lourdes Feitosa, pela oportunidade de trocarmos ideias; à Margarida Maria de Carvalho, ao Ciro Flamarion Cardoso (*in memoriam*), à Maria Regina Candido e ao André Chevitarese. Ao apoio institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

Documentação numismática

Moedas dos imperadores Diocleciano e Maximiano. Acervo do Museu Histórico Nacional (MHN), Rio de Janeiro.

Medalheiro 3, gaveta 19, lâmina 3, fotografadas em março de 2005.

Documentação escrita

LACTÂNCIO. *De Mortibus Persecutorum*. Paris: Ed. J. Moreau, 1954.

Referências bibliográficas

CARLAN, Cláudio Umpierre. Coins and Power in Rome: Political Ideology in the 4th century. In: DE LA FUENTE, David H. (ed.). *New Perspectives on*

- Later Antiquity*. Cambridge: Scholars Publishing, 2011. p. 150-157.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S.; PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica – Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COHEN, Henry. *Description Historique des Monnaies.Frappés Sous L'Empire Romain. Communément Appelées Médailles Impériales. Tome Septième e Huitième*. Paris: Rollim e Feuarent, Éditeurs, 1880-1892.
- CORVISIER, Jean Nicolas. *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- DE LA FLOR, Fernando R. *Emblemas Lecturas de la Imagen Simbólica*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERNÁNDEZ ARENAS, José. *Teoría y Metodología de la Historia del Arte*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1984.
- FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. “O Outro Lado da Moeda” na Grécia Antiga. In: _____. *O Outro Lado da Moeda*. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2001.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Roma: vida pública e vida privada*. São Paulo: Atual, 1993.
- _____. *Moedas: a numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.
- GRANT, Michael. *Roma: a queda do Império*. Barcarena: Editorial Presença, 2009.
- JUNGE, Ewald. *The Seaby Coin Encyclopaedia*. London: British Library, 1994.
- THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VIII. London: Spink and Sons Ltda., 1983.